

O mercado que não existiu: uma análise da proposta brutalista para o Mercado Público de Porto Alegre (1967)

The market that never existed: an analysis of the brutalist proposal for Porto Alegre's Public Market (1967)

Ana Carolina Pollo*, Ana Elisa Souto**, Ricardo de Souza Rocha***

*Universidade Federal de Santa Maria - UFSM, Brasil, carolanapollo@gmail.com

**Universidade Federal de Santa Maria - UFSM, Brasil, ana.souto@ufsm.br

***Universidade Federal de Santa Maria – UFSM, Brasil, ricardo.rocha@ufsm.br

usjt
arq.urb

número 41| abr -dez de 2026

Recebido: 05/11/2024

Aceito: 28/08/2026

DOI: [10.37916/arq.urb.vi41.773](https://doi.org/10.37916/arq.urb.vi41.773)



Palavras-chave:

Arquitetura Moderna no Sul do Brasil.
Mercado Público de Porto Alegre.
Arquitetura da Escola Paulista.

Keywords:

Modern Architecture in Southern Brazil.
Architecture of Escola Paulista.
Porto Alegre Public Market.

Resumo

Os anos 1960 e 1970 marcaram o período do “Milagre Econômico” no Brasil, caracterizado pela grande produção de obras viárias e de infraestrutura em diversas cidades do país. Porto Alegre, capital do RS, vivenciou muitas dessas transformações, dentre elas, o projeto de remodelação urbana da Praça XV de Novembro, que previa a demolição do Mercado Público (1869) e a construção de um novo mercado para a cidade. No final dos anos 1960, foi realizado um Concurso Nacional para selecionar uma proposta para substituir o antigo edifício. Apesar do incentivo, o projeto vencedor não foi executado e mais um capítulo da história desse emblemático edifício caiu no esquecimento, resultando em estudos incipientes sobre o tema, especialmente em relação ao projeto que obteve o primeiro lugar. Dessa forma, o artigo tem como objetivo analisar e descrever o projeto arquitetônico premiado, buscando examinar possíveis conexões da obra com a Arquitetura Moderna brasileira exercida pela Escola Paulista. Os resultados demonstram a influência da Arquitetura brutalista no projeto, praticada e difundida na capital durante o período. Este artigo representa uma contribuição à Arquitetura Moderna gaúcha e brasileira, ao ampliar as referências sobre o tema e oferecer uma melhor compreensão do Movimento Moderno no país.

Abstract

The 1960s and 1970s marked the period of the “Economic Miracle” in Brazil, characterized by the large production of road and infrastructure works in several cities across the country. Porto Alegre, capital of RS, experienced many of these transformations, among them, the urban remodeling project for Praça XV de Novembro, which included the demolition of the Public Market (1869) and the construction of a new market for the city. In the late 1960s, a National Competition was held to select a proposal to replace the old building. Despite the encouragement, the winning project was not implemented and yet another chapter in the history of this emblematic building fell into oblivion, resulting in incipient studies on the topic, especially in relation to the project that won first place. Therefore, the article aims to analyze and describe the award-winning architectural project, seeking to examine possible connections between the work and Brazilian Modern Architecture carried out by Escola Paulista. The results demonstrate the influence of Brutalist Architecture on the project, practiced and disseminated in the capital of Rio Grande do Sul during the period. This article represents a contribution to Modern Architecture in Rio Grande do Sul and Brazil, by expanding references on the topic and offering a better understanding of the Modern Movement in the country.

Introdução

Os primeiros indícios de modernidade na arquitetura de Porto Alegre surgiram no início da década de 1930, com as residências de Manlio Agrifóglia e Osvaldo Coufal. Esse período também marca o início do processo de verticalização no centro da cidade, com a construção de edifícios em altura, como o edifício Frederico Mentz (Hotel Jung) e Imperial, ambos do início dos anos 1930, de autoria de Agnello Nilo de Lucca; o Palácio do Comércio (1937), de Josef Lutzenberger; o edifício Sulacap (1938), de Arnaldo Gladosch, entre outros (Luccas, 2016). É somente na segunda metade do século XX, a partir dos anos 1940, que a Arquitetura Moderna no Sul teve um desenvolvimento mais expressivo, inicialmente influenciada pelo nativismo da Escola Carioca (1930-1950) e, posteriormente, pelo brutalismo da Escola Paulista (1960-1970) (Marques, 2012). Cabe ainda destacar a contribuição da arquitetura e da cultura platina, especialmente do Uruguai, no desenvolvimento da Arquitetura Moderna gaúcha, devido à proximidade histórica, geográfica, climática e cultural (Marques, 2012; Souto, 2023; Xavier e Mizoguchi, 1987).

De acordo com Marques (2002), os primeiros projetos modernos de expressão corbusiana da Escola Carioca surgiram em Porto Alegre ainda na década de 1940. Entre eles destacam-se a proposta para a sede da Viação Férrea do Rio Grande do Sul – VFRGS (1944), de autoria de Affonso Eduardo Reidy e Jorge Moreira, e o Instituto de Previdência do Estado – IPE (1945), de Oscar Niemeyer. No entanto, as obras não chegaram a ser executadas (Comas, 2006; Xavier e Mizoguchi, 1987). A partir da década de 1950, importantes exemplares da vertente carioca foram construídos na cidade, consolidando, definitivamente, sua adoção como arquitetura desejada pelas elites sociais e artísticas e, logo em seguida, pelo consenso da comunidade rio-grandense. Edifícios como Santa Terezinha (1950), de Holanda Mendonça; o edifício Esplanada (1952), de Román Fresnedo Siri; o Palácio da Justiça (1953), de Luís Fernando Corona, e outros são exemplos clássicos que a consagraram no panorama da Arquitetura Moderna gaúcha (Marques, 2002). Integram a primeira geração regional de arquitetos modernos nomes como os de Edgar Albuquerque Graeff (1921-1990), Carlos Alberto de Holanda Mendonça (1920-1956), Demétrio Ribeiro (1916-2003), Jorge Machado Moreira (1904-1992) e outros, descendentes da vanguarda liderada por Lúcio Costa (1902-1998), Oscar Niemeyer (1907-2012) e Irmãos Roberto (Marques, 2012).

No final da década de 1950, a Arquitetura Moderna praticada em Porto Alegre se alinhava à produção nacional, que se encontrava em um momento de transição do repertório moderno da Escola Carioca para uma arquitetura que indicava novos rumos, marcando o surgimento do Movimento Moderno em São Paulo (Luccas, 2015). Segundo Marques (2002, p. 82), essa nova arquitetura possuía uma tendência mais bruta, primitiva, livre e “transparente às opacidades do fútil e das diferenças sociais”. Para Camargo (2019), refletia a essência, a rusticidade e a forte tradição tectônica.

Na transição dos anos 1950/1960, a transferência da capital para Brasília privou a cidade do Rio de Janeiro das grandes encomendas governamentais, estabelecendo um “progressivo esgotamento” das pautas da Escola Carioca (Zein, 2016). Diante desse cenário, a partir da década de 1960, São Paulo se tornou o novo centro da arquitetura brasileira, em virtude da supremacia econômica, política e das ideias inovadoras que lá borbulhavam (Luccas, 2015). O arquiteto João Batista Vilanova Artigas (1915) foi uma figura ímpar nesse contexto, pois auxiliou a difundir e a desenvolver o Movimento Moderno de São Paulo no meio acadêmico da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo de São Paulo (FAU-USP), fato que permitiu a consolidação e difusão dessa tendência local e, posteriormente, em outras regiões do país (Bruand, 2018; Zein, 2016).

A influência da arquitetura paulista também se manifestou no Estado do Rio Grande do Sul. Um dos principais líderes que exerceu essa influência foi Artigas, personagem que não apenas se destacou como referência arquitetônica para seus contemporâneos, mas também como um exemplo de visão ideológica e postura profissional diante da sociedade. De acordo com Marques (2002), Artigas compartilhou convivência com muitos arquitetos ligados à universidade e ao IAB, os quais mantinham afinidades político-partidárias. Marques (2012) relata que a tendência foi aderida por arquitetos de várias gerações, como David Léon Bondard, Marcos David Hekman, Jorge D. Debiage, César Dorfman, Ivan Mizoguchi e Cairo Albuquerque da Silva.

Em Porto Alegre, as primeiras evidências da Arquitetura Moderna brutalista são encontradas nas obras da Sede Campestre do Serviço Social do Comércio (SESC), de autoria de Moacyr Moojen Marques, João José Vallandro e Leo Ferreira da Silva, iniciadas em 1956, e no Centro Evangélico, projetado por Carlos Fayet e Suzy

Brücker, em 1959 (Marques, 2012). Ao longo da década de 1960, a arquitetura de viés brutalista se consolidou na cidade; deste período destacam-se: o Edifício Residencial FAM (1964), a Residência David Kopstein (1965), o Hospital Presidente Vargas (1966), a Secretaria Municipal de Obras e Viação (1966), o Clube do Professor Gaúcho (1966) e a Refinaria Alberto Pasqualini (1962) (Luccas, 2015). Outro projeto de expressão brutalista é o anteprojeto vencedor do Concurso Nacional para o novo Mercado Público, unidade Centro de Porto Alegre (década de 1960), publicado na Revista Acrópole em maio de 1967, caracterizando-se como o elemento principal do presente estudo (Revista Acrópole, 1967).

Desenvolvido por uma equipe de São Paulo, o novo Mercado refletia as últimas tendências nacionais no cenário arquitetônico brasileiro. No entanto, o edifício não foi construído e, com o passar dos anos, esse icônico projeto caiu no esquecimento. Diante do exposto, a principal motivação deste estudo é, portanto, retomar o projeto de expressão brutalista, e inseri-lo na historiografia da Arquitetura Moderna gaúcha e brasileira.

Por essa razão, o objetivo deste trabalho é realizar uma análise histórica e crítica do projeto vencedor do Concurso Nacional de anteprojetos para o novo Mercado Público Unidade Centro de Porto Alegre (1967), buscando estabelecer e identificar conexões entre a obra e os fundamentos da Arquitetura Moderna brutalista paulista. Para tanto, inicialmente conduziu-se uma pesquisa bibliográfica que embasou a construção do referencial teórico do estudo e, posteriormente, realizou-se a descrição e análise do projeto, na qual também buscou-se identificar possíveis obras que influenciaram a concepção do Mercado.

O cenário Rio-grandense no século XX

O início do século XX marca uma era de intensas transformações urbanas nas principais cidades brasileiras, impulsionadas pelo aumento da demanda por habitação, crescimento demográfico e serviços urbanos. As condições precárias de habitabilidade desencadearam campanhas de higienização, vistas como parte essencial do processo de urbanização da época. Essas iniciativas tinham como objetivo “limpar” e “embelezar” as cidades mediante intervenções urbanas, como a criação de novas avenidas, a melhoria das condições sanitárias e a reorganização e melhor aparência urbana. O intuito era promover tanto a fluidez quanto a acessibilidade ao espaço urbano (Leme, 1999).

Em Porto Alegre, no início do século XX, a situação não divergia. O aumento considerável da população, acompanhado de precárias condições de saneamento e infraestrutura urbana, fazia parte da realidade local (Monteiro, 2006). Concomitantemente, o crescimento econômico acelerado e o estabelecimento de um mercado consumidor deram início à fase de Industrialização (1890-1945) na capital, conforme apontado na obra “Porto Alegre e sua Evolução Urbana”, de autoria de Célia Ferraz de Souza e Dóris Müller (2007).

Apesar das melhorias na infraestrutura, nos equipamentos e nos serviços urbanos ocorridas entre o final do século XIX e o início do século XX, o crescimento populacional, juntamente com as novas demandas, exigia investimentos contínuos para promover a modernização da cidade (Filho, 2006). Nessa perspectiva, os anos subsequentes do século XX caracterizaram-se por uma série de reformas e planos de modernização urbana que se estenderam até o ano de 1959, quando de fato foi aprovado o primeiro plano diretor da cidade (Souza e Muller, 2007).

Como visto anteriormente, o Movimento Moderno iniciou a difusão no Rio Grande do Sul a partir dos anos 1940, sob a influência da Arquitetura da Escola Carioca (1930-1950). Marques (2002, p. 84) aponta que o Movimento Moderno empregava o “[...] desejo de renovação social e estética e a sua propagação no contexto social trazia uma visão de otimismo, de mudança, de evolução”. Acrescenta ainda que o anseio por progresso, modernização, desenvolvimento tecnológico, renovação urbana e outros eram valores que haviam se estabelecido no âmago da sociedade. No final da década de 1950, novas expressões passaram a compor a Arquitetura gaúcha, com a disseminação da Arquitetura Moderna da Escola Paulista (1960-1970) (Marques, 2012).

Em 1969, Telmo Thompson Flores (1969-1975) assumiu a prefeitura de Porto Alegre, implementando uma gestão voltada à organização de políticas urbanas, com foco na execução de obras viárias e no planejamento do crescimento urbano. Flores trabalhou fortemente para modernizar a cidade e promover a integração do centro com as novas áreas de ocupação, por meio da criação de linhas de transporte público que interligassem essas regiões. Além disso, não mediu esforços para reorganizar a malha viária, criou avenidas, ampliou outras antigas, construiu túneis e viadutos pela cidade visando facilitar o escoamento do trânsito, cada vez mais presente na realidade urbana (Monteiro, 2006). Todas essas transformações

se tornaram possíveis devido à pujança econômica do país no final dos anos 1960 e no início dos anos 1970, período conhecido como “milagre econômico”. Este, por sua vez, caracterizou-se por grandes investimentos em obras viárias e de infraestrutura em diversas cidades do país, inclusive em Porto Alegre (Marques, 2002).

Uma das obras incentivadas por Flores foi o projeto de remodelação urbana proposto para a região da Praça XV de Novembro, próxima à zona portuária do Rio Guaíba, previsto pela Prefeitura na década de 1960. O projeto ia de encontro ao novo Plano Diretor de 1950, que buscava descentralizar a cidade e introduzir o automóvel na rotina dos “novos tempos”. Dessa forma, o plano previa a criação de uma avenida perimetral, resultante da união da Rua Siqueira Campos e da Avenida Júlio de Castilhos, o que auxiliaria no escoamento do trânsito no centro da cidade (Guimaraens, 2012). Também incluía a criação de estacionamentos, jardins e praças cívicas (Revista Acrópole, 1967). Para viabilizar essa reestruturação viária, previu-se a demolição do edifício histórico do Mercado Público (1869), proposta inicialmente defendida por Célio Marques Fernandes no início da década de 1960 e posteriormente reforçada por Flores entre o final dos anos 1960 e o início da década de 1970 (Guimaraens, 2012). A cidade reage espontaneamente contra a demolição do Mercado e Walter Galvani assume a liderança do movimento. Em matéria publicada no Jornal do Mercado, em 6 de junho de 2008, o próprio Galvani relembra:

Foi em 1972. Enchi de ouvir falar em viadutos, era só do que tratava o prefeito de então, Telmo Thompson Flores. E descobri, até porque ele anunciou publicamente, que estaria derrubando “aquela velharia”, o Mercado Público, para abrir uma grande avenida, ligando a Siqueira Campos com a Júlio de Castilhos. Foi aplaudidíssimo pelos que diziam que era preciso transformar Porto Alegre numa metrópole (Chaves, 2021).

Acrescenta ainda:

Aquilo me irritou. Como? Derrubar o Mercado? Um prédio do fim do século XIX, harmônico em suas linhas simples, mas, indiscutivelmente uma marca do centro da capital gaúcha, uma referência histórica e sentimental? O estômago da cidade? Essa não! (Chaves, 2021).

Em contrapartida, um novo Mercado seria proposto para a cidade, em uma área adjacente ao norte do antigo edifício (Figura 1), ocupando boa parte do terreno onde estava situado o Mercado Livre da capital (1938), demolido em 1969 (Chaves, 2023; Pacheco, 2010). Devido à conexão proposta para a Avenida Júlio de Castilhos e a Rua Siqueira Campos, a área surgia remodelada, estabelecendo um novo perímetro de formato trapezoidal para a quadra onde seria implantado o novo Mercado. As edificações existentes na direção Leste-Oeste seriam mantidas e a Praça XV de Novembro ampliada através de áreas verdes e estacionamento (Pacheco, 2010).



Figura 1. Esquema indicando o local de inserção do novo Mercado. Fonte: elaborado pelos autores.

Em meados de 1967, a Prefeitura Municipal, em colaboração com o Departamento Regional do IAB, organizou um Concurso Nacional de anteprojetos para o novo Mercado Público Unidade Centro de Porto Alegre. O objetivo era selecionar a melhor proposta para substituir o atual Mercado de 1869. A comissão julgadora,

composta pelo engenheiro Mário Seara e pelos arquitetos Armênio Wendhausen, Jorge Wilhelm, Castelar B. Peña e Roberto Gomes Py da Silveira, publicou uma ata estabelecendo diretrizes e recomendações para os participantes do concurso (Pacheco, 2010). Na publicação, destacavam-se aspectos relacionados à implantação e ao programa de necessidades, sendo solicitada a presença de estacionamentos, áreas de descarga, pátio de manobras, sanitários, circulações, bancas e um pavimento para uso da prefeitura. Além disso, recomendava-se “maturidade e exequibilidade das soluções”, tanto em aspectos estéticos quanto estruturais (Revista Acrópole, 1967).

Foram submetidas ao júri 24 propostas, sendo as cinco primeiras classificadas, publicadas na edição 339 da revista Acrópole, em maio de 1967. Neste artigo, será realizada uma análise do projeto que obteve a primeira colocação (Revista Acrópole, 1967).

A equipe vencedora do concurso e seus precedentes

O projeto vencedor foi concebido por uma equipe paulista, composta pelos arquitetos Massimo Fiocchi, José Magalhães Junior, Adilson Costa Macedo, sob a colaboração de José Selene e consultoria estrutural do engenheiro Roberto Rossi Zuccolo (Revista Acrópole, 1967). O projeto seguia as tendências da formação acadêmica destes profissionais, consolidada nos ensinamentos de uma arquitetura com feições brutalistas, disseminada pela Escola Paulista, especialmente a partir da década de 1950. Também reforçava a intenção da capital gaúcha de acompanhar as tendências da Arquitetura Moderna brasileira.

Adilson Costa Macedo graduou-se pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo de São Paulo (FAU-USP), no ano de 1964. Atualmente, desenvolve atividades profissionais na área acadêmica, atuando como professor na FAU-USP, e na iniciativa privada, dedicando-se a projetos e consultorias (Lattes, 2024). Em entrevista concedida a Rafael Schimidt (2023), Macedo relata sobre Fiocchi, afirmando serem colegas de FAU-USP. Também declara que trabalharam juntos no escritório de Joaquim Guedes, antigo professor do curso e grande expoente da veia brutalista (Vitruvius, 2023). Embora sejam escassas as informações sobre Fiocchi, sua contribuição para a arquitetura moderna brasileira é notável e se manifesta em projetos como o Centro Empresarial Morumbi - SP (1994) e o Edifício Alpargatas - SP (1981) (Fialho, 2010).

José Magalhães Junior (?-2015) e Roberto Rossi Zuccolo (1934-1967) graduaram-se pela Universidade Mackenzie. O primeiro, em Arquitetura e Urbanismo, em 1963, e o segundo pela Escola de Engenharia, no ano de 1946 (Vitruvius, 2015; Mendes et al, 2016). Magalhães atuou na área acadêmica e na iniciativa privada, onde dirigiu o Escritório Magalhães & Associados. Além disso, ocupou cargos de destaque na administração pública de São Paulo (SP) e também contribuiu para a sociedade civil de SP, onde atuou como presidente do Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB-SP) entre 1982 e 1983. Faleceu em 1º de março de 2015 (Vitruvius, 2015).

Zuccolo deixou um grande legado para a Arquitetura Moderna brasileira, sendo reconhecido como precursor dos cálculos de concreto protendido no Brasil. Além de exercer sua profissão como engenheiro calculista no setor privado, também lecionou na Escola de Engenharia e na Faculdade de Arquitetura Mackenzie (Mendes et al., 2016).

A concepção arquitetônica do Mercado e suas afinidades com o brutalismo paulista

A arquitetura do novo Mercado é definida por uma estrutura marcante de concreto aparente, caracterizada por pórticos que distribuem suas forças em quatro apoios elevados do solo. A proeza estrutural do projeto define o aspecto formal do edifício, que, juntamente com as diretrizes projetuais internas e externas, lhe confere uma forma geométrica clara e singular, evocando a imagem de um trapézio (Revista Acrópole, 1967).

O Mercado reflete os princípios da arquitetura brutalista paulista ao adotar uma solução em volume horizontal e destacado do solo. O predomínio dos cheios sobre os vazios é evidenciado nas fachadas do edifício, que são compostas por duas empenas cegas (leste-oeste) e outras duas (norte-sul) marcadas por rasgos. A adição de dois corpos secundários, junto às empenas estruturais, confere ainda mais proximidade com a linguagem difundida pela Escola, que, quando adota mais de um corpo, evidencia a hierarquia entre o principal e os demais (Zein, 2016).

O edifício foi implantado no centro da nova quadra trapezoidal proposta para a região. A Figura 2 apresenta o arranjo da volumetria no terreno, caracterizada pela implantação em monobloco, de forma retangular, com as faces mais longas do volume orientadas no sentido norte-sul, visando otimizar a disposição do programa

e a logística de fluxos e acessos ao Mercado. Ao Norte, a obra limita com a Av. Mauá, que atua como via de acesso para cargas, mantimentos e saída de resíduos. Ao Sul, faz frente para a Av. Júlio de Castilhos, onde foi posicionado o acesso de pedestres ao mercado, realizado por meio de uma rampa que direciona os usuários para uma única entrada, localizada no lado leste, de frente para a Rua Marechal Floriano Peixoto (Pacheco, 2010).

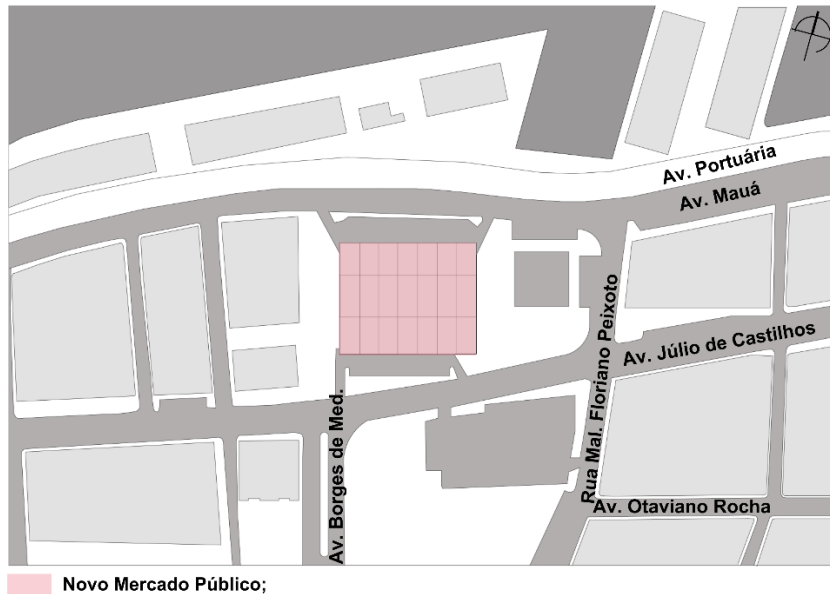


Figura 2. Implantação do novo Mercado no antigo terreno onde estava localizado o Mercado Livre da cidade. Fonte: Adaptado de Carlos Eduardo Dias Comas (2006).

A implantação do Mercado destaca-se pelo contraste visual com o entorno, refletindo o espírito brutalista dos arquitetos ao se apropriarem da volumetria e da materialidade em concreto aparente para promover uma arquitetura capaz de transmitir solidez e permanência, destacando-se no cenário urbano. A integração da obra com o local ocorre pela franqueza de acessos, que se dá pela rampa externa, devido a solução adotada em monobloco elevado do solo. A adoção desse repertório se alinha a outras tendências da Escola Paulista, que tende a destacar os elementos de circulação, explorando sua plasticidade, especialmente quando externos. Essa abordagem é ilustrada na Figura 3, que demonstra a presença

marcante da rampa de acesso único ao edifício, bem como o volume lateral de formato orgânico, junto à empena cega, onde se encontram as circulações verticais de serviço e demais usos (Zein, 2016).

O programa do Mercado foi distribuído em quatro níveis: térreo, primeiro, segundo e terceiro pavimento. O térreo abriga setores técnicos e de serviço. O primeiro e o segundo pavimento acomodam as áreas de venda, enquanto o terceiro pavimento é reservado para o setor administrativo da prefeitura. Como consequência dessas definições, ocorre uma separação no espaço principal do Mercado, o de venda, comprometendo a integração entre os dois pavimentos. Por conta disso, uma das diretrizes principais do partido consiste na integração espacial-visual entre os pavimentos comerciais, garantindo que toda a área destinada à venda permanecesse em um mesmo plano de igualdade e que o público tivesse a possibilidade de livre circulação. Desse modo, as bancas foram dispostas de maneira equivalente no espaço, evitando, ao máximo, o favorecimento de uma sobre as demais por conta da sua localização (Revista Acrópole, 1967).



Figura 3. Perspectiva da proposta vencedora. Fonte: Adaptado de Revista Acrópole (1967, p. 34).

A estratégia adotada pela equipe consistiu em um vazio central vertical interno, disposto no centro da planta baixa de formato retangular. No centro deste pátio, alocaram-se as circulações verticais, com destaque para uma grande rampa, a qual viabilizou uma conexão visual entre os diferentes níveis do edifício, especialmente

por proporcionar ao usuário um passo mais lento e, consequentemente, mais reflexivo sobre o espaço (Figura 7). O pátio, além de solucionar as questões relacionadas à ventilação e iluminação do edifício, também reafirma a veia brutalista dos arquitetos, ao expressarem sua preocupação em conceber um ambiente interno unificado, prezando pelo modo de vida comunitário, em detrimento do individual (Acrópole, 1967; Bruand, 2018).

A fim de expandir a integração espacial-visual no edifício, dispôs-se a circulação de uso público junto ao pátio central, de forma a permitir que, entre os pavimentos, os transeuntes mantivessem a conexão visual entre si, favorecendo a ocupação da parte central do Mercado. Dessa forma, os conjuntos, formados por circulação pública, banca e circulação de serviços, foram escalonados e dispostos nas laterais de maior extensão das fachadas norte-sul, um de frente para o outro, conforme a Figura 4. A circulação de serviços, completamente independente das demais, foi alocada nas laterais periféricas das fachadas norte-sul, sendo concebidas com vãos de concreto, projetados para permanecerem abertos, facilitando assim a entrada de luz e ventilação natural (Acrópole, 1967).

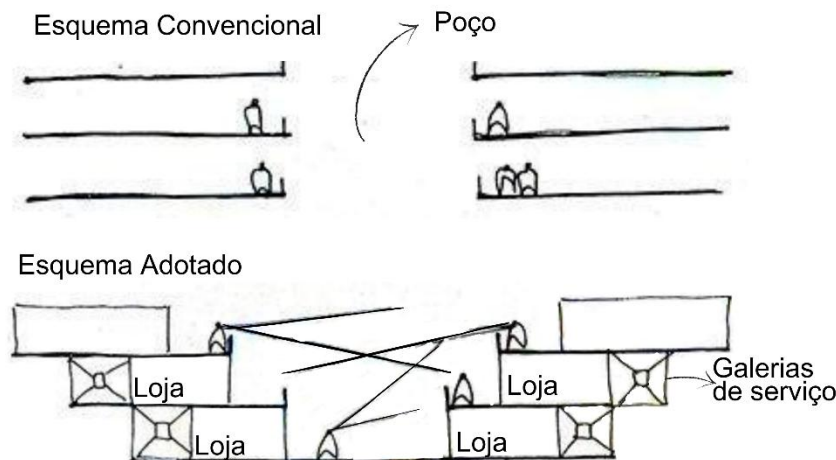


Figura 4. Esquema da concepção projetual. Fonte: Adaptado de Revista Acrópole (1967, p. 35).

Ao analisar o arranjo e a disposição do programa no edifício, pode-se estabelecer conexões com obras clássicas do brutalismo, devido à semelhança nas soluções propostas. Um exemplo notável é o projeto da Faculdade de Arquitetura e

Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU-USP), concebido em 1961, pelo mestre do brutalismo paulista João Vilanova Artigas. Neste projeto, a valorização dos espaços interiores comuns é evidente, manifestando-se em um amplo pátio central que abriga uma grande rampa escultórica, refletindo a preferência de Artigas por uma arquitetura interconectada (Bruand, 2018). Observa-se a proximidade entre os repertórios arquitetônicos e as soluções compositivas adotadas no Mercado, sobretudo na organização do programa, que, de forma semelhante ao prédio da FAU, se desenvolve em torno do pátio central. A analogia entre as duas propostas é igualmente perceptível na materialidade, com o uso do concreto aparente, e também nas soluções construtivas, com destaque para o uso da laje nervurada e a concepção estrutural em pórtico.

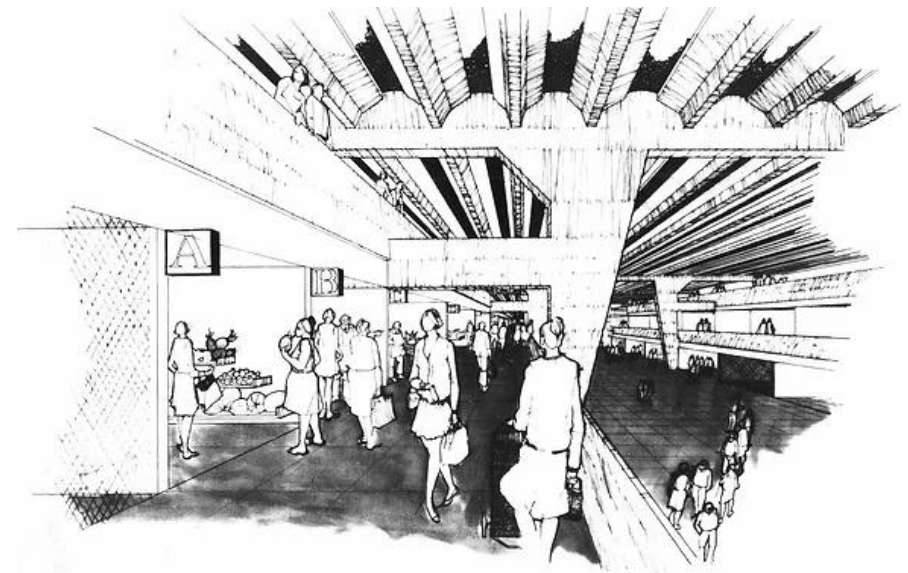


Figura 5. Croqui interno do Mercado. Fonte: Rafael Schimidt (2023).

A integração entre forma, função e estrutura é uma característica essencial das obras brutalistas da Escola Paulista. No mercado, a harmonia entre esses três elementos é evidente, refletindo uma exequibilidade formal e estrutural com o programa proposto. A equipe tira partido do sistema estrutural em pórticos, composto por duas peças verticais que envolvem o pátio central do mercado e duas

peças inclinadas na direção norte-sul. Em entrevista, Macedo revela que a inspiração surgiu de obras consagradas de Affonso Eduardo Reidy e Artigas (Schmidt, 2023). Devido à similaridade formal, acredita-se que o Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM) e a Escola Estadual de Itanhém (SP) possam ter sido utilizados como referências projetuais. Assim como no MAM, as paredes externas e paralelas aos pórticos também atuam como elementos estruturais. Dessa forma, nota-se que o projeto do Mercado propõe uma continuidade e evolução das ideias propostas pelos mestres modernos. Além disso, o edifício conta com quatro níveis de laje nervurada, favorecendo a criação de amplos vãos livres no interior.

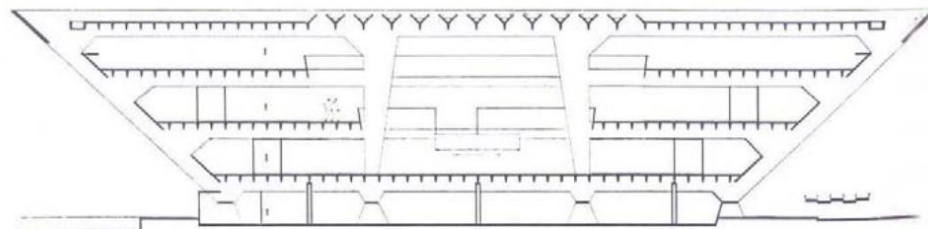


Figura 6. Corte Transversal. Fonte: Revista Acrópole (1967, p. 36).

Ao analisar a Figura 6, observa-se como a estrutura abarca a função e juntas garantem a composição plástica do volume, retomando a forma geométrica clássica, pura e marcante do trapézio (Figura 5). Neste projeto, cada decisão é tomada com justificada razão. Desse modo, o balanço superior da cobertura também atua como elemento de proteção das áreas de carga e descarga do pátio de manobras, amparando igualmente os rasgos presentes nas fachadas norte-sul, paralelos à circulação de serviços (Figura 3).

A rigorosa geometria da planta baixa (Figura 7), marcada pelos pórticos afastados a cada 12 m, harmoniza-se com a liberdade de arranjo interno, explícita na consistente organização dos conjuntos escalonados e na solução modular proposta para as bancas (Figura 6). Ao analisar a planta baixa, nota-se a opulência do corpo principal do Mercado, exteriorizando os dois volumes secundários de formato orgânico, onde foram dispostas as circulações verticais de serviços, sanitários de funcionários, tubos de queda de lixo, monta-cargas e caixa d'água (Revista

Acrópole, 1967). Ambos possuem estrutura independente em relação ao sistema de pórticos proposto para o Mercado, evidenciando a sequência de ideias presentes nas obras brutalistas da Escola Paulista (Zein, 2016).

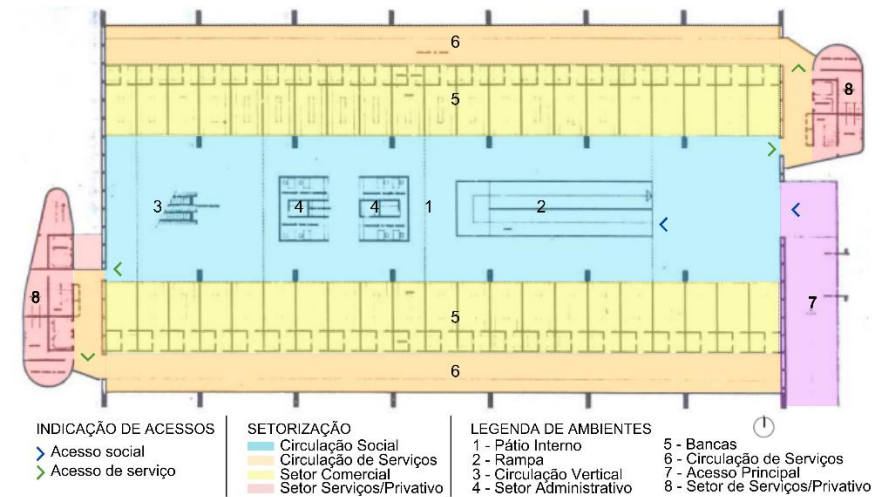


Figura 7. Planta do pavimento térreo setorizada. Fonte: Adaptado de Revista Acrópole (1967, p. 36).

A atividade comercial desenvolve-se em estruturas de 4x9 m, que compreendem um espaço público, destinado à venda, e outro espaço privado, reservado para uso dos comerciantes, abrigando um pequeno escritório e depósito. Desse modo, a disposição dos módulos foi estrategicamente concebida para facilitar os acessos, em conformidade com o uso das circulações. Esse arranjo revela-se bastante eficiente, uma vez que o acesso para reposição das mercadorias ocorre pela circulação de serviço/depósito, evitando interrupções nos fluxos de circulação dos clientes.

Neste projeto, o brutalismo é total, manifestando-se materialmente e espiritualmente. O uso do concreto bruto contribui para a sensação de solidez e permanência da obra, realçada no cenário urbano pela sua massa e textura. Apesar das intenções, a aplicação desse material associa-se a uma série de princípios e valores da Escola, que enfatiza a honestidade dos materiais, a minimização dos

recursos materiais, a funcionalidade do material cru como elemento estrutural e estético, a negação de ornamentos e outros (Zein, 2016). Reflete, portanto, uma arquitetura pensada em termos de economia, sendo justificada por argumentos de viés social (Luccas, 2015).

Conclusão

Este artigo apresentou uma análise descritiva e arquitetônica do projeto vencedor do Concurso Nacional de Anteprojetos para o Novo Mercado Público de Porto Alegre, realizado no final da década de 1960. Além de investigar as influências da Arquitetura Moderna brasileira, com ênfase na Escola Brutalista, o estudo procurou identificar obras que possam ter inspirado a equipe paulista na concepção deste edifício. O trabalho é destinado a pesquisadores, estudantes e interessados na Arquitetura Moderna brasileira.

A pesquisa destacou a forte influência da Escola Paulista no Rio Grande do Sul, evidenciada pela conexão com um dos edifícios mais emblemáticos da cidade: o Mercado Público, originalmente construído em 1869. Ainda assim, o artigo revela que a produção de arquitetura moderna no Sul do Brasil é relativamente pouco explorada, sobretudo em comparação com os principais polos culturais do país, como Rio de Janeiro e São Paulo. O projeto moderno concebido para o Mercado Público da capital na década de 1960 ilustra essa lacuna, visto que há poucos estudos publicados sobre o mesmo.

Assim, este estudo contribui para a historiografia da Arquitetura Moderna no Rio Grande do Sul e no Brasil, ao posicionar o Mercado Público de Porto Alegre como uma nova referência nesse contexto, expandindo o entendimento sobre as influências e particularidades da arquitetura moderna regional.

Referências

- BRUAND, Yves. **Arquitetura contemporânea no Brasil**. São Paulo: Perspectiva, 2018.
- CAMARGO, Mônica Junqueira de. Escola Paulista, Escola Carioca. Algumas considerações. In: 13º SEMINÁRIO DO COMOMO BRASIL. **Anais** [...]. Salvador, out. 2019. Disponível em: <https://docomomobrasil.com/wp-content/uploads/2020/04/119265.pdf>. Acesso em: 15 mai. 2024.

CHAVES, Ricardo. Como era o entorno do Mercado Público em 1950, na Capital. **Zero Hora**, Porto Alegre, 15 mai. 2023. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/almanaque/noticia/2023/05/como-era-o-entorno-do-mercado-publico-em-1950-na-capital-clhp9i6bh0080015byigitdqn.html#:~:text=Era%20um%20edif%C3%ADcio%20com%20acentuadas,durou%20de%201969%20a%201975>. Acesso em: 11 abr. 2024.

CHAVES, Ricardo. Conheça Walter Galvani, o homem que salvou o Mercado Público de Porto Alegre. **Zero Hora**, Porto Alegre, 09 jul. 2021. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/almanaque/noticia/2021/07/conheca-walter-galvani-o-homem-que-salvou-o-mercado-publico-de-porto-alegre-ckqwuzals00ce0193h12ucr8z.html>. Acesso em: 30 abr. 2024.

COMAS, Carlos Eduardo Dias. Reidy, Moreira e a VFRGS. Porto Alegre de papel: avenida e praça 1910-1980. In: FILHO, Abreu; PEREIRA, Silvio Belmonte de; CALOVI, Claudio (Org.). **Porto Alegre de papel: avenida e praça 1910-1980**. Porto Alegre: PROPAR-UFRGS, 2006. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/71669>. Acesso em: 01 jul. 2024.

FIALHO, Roberto Novelli. **Edifícios de escritórios na cidade de São Paulo**. 2010. Tese (Doutorado em Arquitetura) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16138/tde-18052010-155700/publico/edificios_de_escritorios_na_cidade_de_sao_paulo.pdf. Acesso em: 02 jul. 2024.

FILHO, Silvio Belmonte de Abreu. **Porto Alegre como cidade ideal. Planos e projetos urbanos para Porto Alegre**. 2006. Tese (Doutorado em Arquitetura) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/8600>. Acesso em: 02 jul. 2024.

GUIMARAENS, Rafael. **Mercado Público**: Palácio do Povo. Porto Alegre. Libretos, 2012.

LEME, Maria Cristina da Silva. **Urbanismo no Brasil 1895-1965**. 1999. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo,

Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999. Disponível em: <https://archive.org/details/urbanismo-gs/page/12/mode/1up?view=theater>. Acesso em: 30 abr. 2024.

LUCCAS, Luís Henrique Haas. A arquitetura de linhagem brutalista em Porto Alegre nos anos 60/70. **Cadernos PROARQ**, Rio de Janeiro, n. 24, p. 123-142, 2015. Disponível em: https://cadernos.proarg.fau.ufrj.br/public/docs/cadernosproarg24.pdf?utm_medium=website&utm_source=archdaily.com.br. Acesso em: 15 mai. 2024.

LUCCAS, Luís Henrique Haas. Arquitetura Moderna em Porto Alegre (Parte I): Antecedentes e a linhagem Corbusiana dos anos 50. **Archdaily**, 2016. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/790990/arquitetura-moderna-em-porto-alegre-antecedentes-e-a-linhagem-corbusiana-dos-anos-50-luis-henrique-haas-luccas>. Acesso em: 15 mai. 2024.

LUCCAS, Luís Henrique Haas. Arquitetura Moderna em Porto Alegre (Parte II): Entre o "Estilo Internacional" e o padrão brutalista nos anos 60/70. **Archdaily**, 2016. Disponível em: https://www.archdaily.com.br/br/791414/arquitetura-moderna-em-porto-alegre-parte-ii-entre-o-estilo-internacional-e-o-padrao-brutalista-nos-anos-60-70?ad_medium=gallery. Acesso em: 15 mai. 2024.

MACEDO, Adilson Costa. Currículo Lattes, 2024. Disponível em: https://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?jsessionid=021844D841102CADD1EF00C6F9229103.buscatextual_0. Acesso em: 15 mai. 2024.

MARQUES, Sergio Moacir. **A revisão do movimento moderno? Arquitetura no Rio Grande do Sul dos anos 80**. Porto Alegre: Ritter dos Reis, 2002.

MARQUES, Sergio Moacir. **Fayet, Araújo & Moojen - Arquitetura Moderna Brasileira no Sul: 1950/1970**. 2012. Tese (Doutorado em Arquitetura) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/65665/000868916.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 08 out. 2024.

MONTEIRO, Charles. Duas leituras sobre as transformações da cultura urbana de Porto Alegre nos anos 1970: entre memória e ficção. **Estudos Ibero-Americanos**,

Porto Alegre, v. 30, n. 2, p. 89-104, 2004. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/iberoamericana/article/view/1318>. Acesso em: 17. mai. 2024.

MONTEIRO, Charles. **Porto Alegre e suas escritas: história e memórias da cidade**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

PACHECO, Paulo Cesar Braga. **A arquitetura do grupo do Paraná 1957-1980**. 2010. Tese (Doutorado em Arquitetura) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/31984>. Acesso em: 12 mai. 2024.

REVISTA ACRÓPOLE, n. 339, mai. 1967. São Paulo: Max Gruenwald & cia. Disponível em: <http://www.acropole.fau.usp.br/edicao/339>. Acesso em: 27 abr. 2024.

SCHIMIDT, Rafael. Arquitetura, estratégia e projeto. **Entrevista**, São Paulo, ano 24, n. 095.02, 2023. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/entrevista/24.095/8860?page=2>. Acesso em: 02 jul. 2024.

SOUTO, Ana Elisa. Edifício Linck. Investigação Projetual e histórica de um edifício Multifamiliar da arquitetura moderna em Porto Alegre, RS. **Docomomo**, São Paulo, v. 6, n. 10, p. 89-105, 2023. Disponível em: <https://revistabr.docomomobrasil.com/periodicos/article/view/122/94>. Acesso em: 02 jul. 2024.

SOUZA, Célia Ferraz de; MULLER, Dóris Maria. **Porto Alegre e sua evolução urbana**. 2 ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

XAVIER, Alberto; MIZOGUCHI, Ivan. **Arquitetura Moderna em Porto Alegre**. São Paulo: Pini Ltda, 1987.

ZEIN, Ruth. A década ausente. Reconhecimento necessário da arquitetura brasileira do brutalismo paulista. **Docomomo**, São Paulo, 2016. Disponível em: <https://docomomobrasil.com/wp-content/uploads/2016/01/Ruth-Verde-Zein.pdf>. Acesso em: 16 mai. 2024.